

**A Presença da Comunicação Rural e da Folkcomunicação na vaquejada: Caminhos para o reconhecimento desse esporte a partir da apropriação dessas ferramentas e seu papel para o desenvolvimento local.**

Maurício de Siqueira Silva<sup>1</sup>

Vinicius Castro Moreira da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO**

Os conceitos de comunicação, e suas práticas, estão passando por diversas mudanças na atualidade. Nesse sentido, a partir do pensamento de Paulo Freire sobre a extensão rural, é necessário que para que haja de fato uma extensão, faz-se necessário o uso da comunicação para que se insira novas práticas produtivas, como é o caso da folkcomunicação. Há uma comunicação própria no meio rural, sobretudo na vaquejada, que será tratada nesse trabalho tentando apontá-las e mostrar seus significados e códigos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação rural; Folkcomunicação; Vaquejada; Desenvolvimento Local .

**Introdução**

Na formação econômica do Nordeste do Brasil, segundo Furtado (1987) o litoral, a zona da mata e parte o agreste foi destinado para o plantio da cana-de-açúcar e enquanto isso a região do sertão ficou destinada para pecuária, principalmente a criação de gado. Por conta do clima desfavorável, a criação do gado era extensiva, solto na caatinga e exigia a atividade indivíduo para captura, recolhimento desses animais.

Diante desse contexto, a história da vaquejada está atrelada ao clima e remota à época dos coronéis, pois no sertão nordestino o gado era criado livre na mata. Depois de meses soltos, os animais eram selecionados para serem ferrados e comercializados. Essa atividade compreendia o proprietário do gado que era geralmente coronéis, que eram fazendeiros, e os trabalhadores que exerciam atividades remuneradas nas terras dos fazendeiros. Alguns desses trabalhadores montados a cavalo desempenhavam a função de recolher o gado. Esses homens que recolhiam os animais ficaram conhecidos como vaqueiros os quais se embrenhavam na mata cerrada, perseguindo, lançando e guiando o

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Alagoas- Campus Sertão, Mestre em extensão rural e desenvolvimento local. Email: Mauricio.uast.ufrpe@hotmail.com

<sup>2</sup>Aluno do curso de graduação em ciências econômicas da Universidade Federal de Alagoas- Campus Sertão. Email: vinciusc87@gmail.com

rebanho. Esses animais soltos se reproduziam e os bezerros eram selvagens pelo fato de nunca terem mantido contato com o homem, dificultando a captura dos animais reproduzidos.

Nessas capturas, alguns vaqueiros se destacavam pela sua valentia e habilidade. Nesse contexto, surge a idéia de disputa entre eles para saber quem era o melhor vaqueiro, ganhando aquele que possuía mais habilidade e valentia nas capturas dos animais. O primeiro registro da vaquejada foi no final do século XIX e consistia em provas realizadas em fazenda e sítios, sem a presença de público e somente na década de 40 que a vaquejada foi aberta aos expectadores. A partir de 1980, começaram a estabelecerem regras e a distribuir prêmios aos competidores que ganhavam e com o passar dos tempos, esse festejo cultural foi tomando reconhecimento e hábitos e linguajares que lhes são peculiares.

Conforme a figura abaixo, é possível notar todo um estigma acerca do vaqueiro, suas vestes, seu chapéu, sua garra. Nessa modalidade, o vaqueiro vai até a caatinga capturar o boi, que geralmente é o mais valente, e precisa ser forte para captura-lo.



Figura 1: Fonte: Jatão do vaqueiro

Essa luta pela sua cultura é um movimento legítimo e importante do povo que vive à margem dos meios e dos centros culturais.

A fundação de uma identidade regional nordestina se baseou na tradição. A globalização do mundo pelas relações sociais e econômicas capitalistas estabeleceu grandes fluxos culturais nas primeiras décadas do século XX que influenciou o enfraquecimento da cultura regional do Nordeste. Por conta das políticas focado no Sudeste, não havia muito estímulo a cultura do nordestino, a vaquejada ficou bem conhecida a partir da década de 90. No primeiro momento, a globalização enfraqueceu as culturas locais e posteriormente ajudou na expansão dessas culturas por meio do incentivo e movimento de grupos que defendem a sua entidade mas a combinação com veículo de comunicação que possibilitou mais ágil a propagação.

#### 1. A vaquejada como esporte popular

A vaquejada é uma manifestação cultural proveniente do nordeste brasileiro, sendo de acordo com Câmara Cascudo (1976), a festa mais tradicional do ciclo do gado nordestino. Nenhuma outra data festiva tem a finalidade prática da apartação a qual era a divisão do gado entre os fazendeiros.

Conforme esse mesmo autor citado, o gado era criado em comum nos campos indivisos em junho, sendo inverno seguro, era conduzido para grandes currais, colocando-os em fazendas maiores e de terreiros espaçosos. Dezenas de vaqueiros passavam o dia campeando, reunindo o gado esparsos pelas várzeas. O boi novinho atrevido ao som dos gritos ou da melopeia dos aboios era guiado para casa-grande.

Esse mesmo autor afirma que derrubar o animal pelo brusco puxão da cauda é a forma popular desde o México.

A vaquejada houve uma evolução que no início era atividade prestadora de serviço para os fazendeiros, a captura do boi. Posteriormente, passou a ser disputas já que para a captura do boi são necessárias habilidades. Diante disso, surgiram os primeiros eventos que eram realizados na fazenda fechada para o público, poucas pessoas assistiam ao espetáculo.

Dos anos 90 até a atualidade, a vaquejada é encarada como um grande empreendimento. Os organizadores cobram ingressos para o público assistir as disputas e o vaqueiro é reconhecido com um atleta de pista. Junto com essa modalidade esportiva, surgem outros ramos econômicos atrelados a vaquejada, como é o caso das bandas musicais, os acessórios, rações utilizadas pelos animais entre outras atividades que dependem desse esporte.

A cada ano, a vaquejada vem se expandindo no Nordeste e demais outras regiões. Um dos fatos para a expansão da vaquejada foi a criação de categorias, sendo divididas as competições em aspirante, amador e profissional. Outro fato foi a modernização e a adoção de técnicas que permitam amenizar o sofrimento do animal e também o acompanhamento de especialista. Foram criados regulamentos que padronizam a vaquejada, os instrumentos e procedimentos realizados nos eventos. Em todos os eventos oficiais, existe uma fiscalização para saber se está sendo seguido o regulamento e aplica sanções caso infrinja as regras estabelecidas.

Atualmente a vaquejada é uma competição de agilidade esportiva exaltação de euforismo lúdico independente dos processos normais da pecuária contemporânea.

Alguns termos comuns usados na vaquejada e os seus respectivos significados são:

**Abrir**- desviar o cavalo; acamar cipó-cair do avalo;  
**Apartação**- divisão do gado, outrora criado em campos indivisos ou devolutos, e subsequente entrega nas fazendas, depois da ferra, castração e assinalamento;**Acoitar**- puxar com violência, atirando a res ao solo numa queda fulminante quase sempre motivada fratura ou morte;**Arrastar**- dar a puxada;**Bassoura**- Cauda de bovídeo; **Bater com o chapéu na perna**- gesto tradicional de incitação ao animal perseguido; **Boi apadrinhado**- protegido, defendido, guardado por orações fortes, impossibilitando a captura; **Correr**- perseguir o boi; **Dar adeus com o rabo**- se diz quando o boi, correndo melhor que os cavalos, foge antes do vaqueiro poder segurar-lhe a cauda, sendo motivo de assobio e vaia; **Dar linha**- alcançar distancia do perseguidor, afastar-se; **Dar tabaco**- o boi que arranca da mão do vaqueiro fugindo do terreiro sem haver sido derrubado. Deixou um cheiro de rabo na mão do cavaleiro que não o soube segurar; **Derrubar**- atirar o boi ao solo através do puxão na cauda; **Embassourar**- segurar para arrastar; **Enrabar**- aproximar-se suficientemente para enrolar o rabo do animal na mão e dar a puxada; **Entubibar**- quando a perseguição ao boi, o

derrubador e o esteira galopam confundidos um e outro disputando dar a puxada; **Esteira-** o vaqueiro da esquerda, guiando o boiem possível linha reta evitando a fugida; **Esticar-** soltar o cavalo na corrida, ganhar velocidade; **Estirar-** o mesmo que esticar; **Fazer esteira-** ajudar o derrubador, correndo á esquerda; **Fazer motim-** boi que em vez de correr defende-se, tentando chifrar os cavalos; **Fazer Piauí-** obrigar o animal a deitar-se pela torção do rabo; **Fazer pantim-** negaças, reviravoltas, arremetidas, ameaça defensiva do boi antes de iniciar a corrida; **Purar-** quando o boi deixa o curral em carreira ponteira, carreiras-formadas, irresistível, evitando as manobras de atalhamento, e foge. **Ganhar o mato-** Boi que foge sem ser derrubado, culpando-se o vaqueiro; **Gritar-** Voz de excitação para o boi que, assustando-se, aumenta a rapidez da corrida, dando campo para grudar, enrolar e puxar; **Grudar-** aproximar-se da anca do boi, tomar contato, correr junto; **Lamber embira-** decepcionar-se, desiludir-se; **Levantar poeira-** derrubar o boi em queda estrepitosa; **Levar féde-** escapando o boi, incólume, ganhando o marmeleiro, dizem que os vaqueiros levam féde; **Limpar-** deus limpa... os boi que os vaqueiros não conseguiram tocar, alcançando outro curral ou fugindo; **Maçaroca-** extremidade da cauda que há um floco de cabelos; **Mocotó passou-** quando o animal caindo, revira as quatro patas para o ar; **Mucica-** puxada, saiáda, arrasto. Vocabulo tupi, mô-cyca, significando fazer chegar, puxar para sí, o puxão no rabo do bicho para derrubá-lo; **Quebrar o patuá-** derrubar animal famoso pela invencibilidade, tido como apadrinhado, isto é, defendido, protegido por orações fortes; **Rabada-** cauda, parte traseira; **Sai-** cauda de bovino; **Saiáda-** puxão pela saia, mucica, arrasto, puxada; **Saiador-** Bom vaqueiro, quem melhor derruba gado; **Tirar-** correr, relativo ao cavalo, cair, referente ao touro; **Aboiador-** vaqueiro que bem aboia; **Acerar-** atalhar. Ato do vaqueiro ajudar o outro; **Boi na pista-** correndo; **Bate-sola-** pequena vaquejada; **Jiqui-** corredor de onde parte o boi; **Tomar porteira-** impedir a fuga. (Câmara Cascudo, 1976).

Esses são alguns termos culturais referentes à vaquejada, somente quem faz parte ou conhece essas tradições vai entender as expressões usadas. Essas expressões são um dos fatos que comprovam que a vaquejada possui características suficientes para ser considerado como um patrimônio cultural imaterial.

Para ilustrar essa o que foi dito acima, a figura abaixo mostra um parque de vaquejada com toda sua divisão:



Figura 2: Fonte: Parque Zequinha Chicote, Brejo Santo – CE (Foto: Portal Vaquejada)

Além das expressões próprias, a vaquejada é uma tradição, há mais de um século que existem, possui valores próprios e foi um fato histórico que deu origem a essa modalidade esportiva. Ao longo do tempo, foi modificando alguns traços, tais como a ausência de preocupação no início da origem com os maus tratos, e atualmente há regulamentos e muita preocupação com a proteção dos animais.

Nesse sentido, a vaquejada é um festejo folclórico específico do nordeste e esta desenvolveu seus linguajares e mitos próprios, isso é uma forma de folkcomunicação.

Fazendo uso de uma linguagem mais direta e menos complexa a palavra “Folkcomunicação” surgiu da junção de “folclore” e “comunicação” sendo assim, portanto, um processo de formação de palavras denominado composição por aglutinação, o qual há modificações em uma das palavras. Expondo sua origem sintática fica mais fácil explicar sua origem semântica, sendo Folkcomunicação, portanto, a comunicação que se dá por meio do folclore, sendo um pouco menos concisa, significa a comunicação por intermédio de artifícios populares.

Para Luiz Beltrão, criador dessa ciência, a folkcomunicação é:

“O conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”. (BELTRÃO, 1980, p.24).

A metodologia adotada para este trabalho foi uma análise documental que consiste em reportagens eletrônicas e sites essenciais que tratam do assunto, com destaque para o site da associação de vaqueiros, que ultimamente vêm tendo um papel de luta para essa classe trabalhista, que mediante sua luta, conseguiu no ano de 2016 regulamentar a profissão que outrora não era reconhecida como tal. Textos acadêmicos tais como artigos e monografias foram também utilizados nessa pesquisa.

Além disso, foi usado o livro “a vaquejada nordestina e sua origem” do autor Câmara Cascudo como principal referência porque trata como surgiu a vaquejada. Este mesmo autor possui várias obras referentes a cultura no Nordeste e decidiu escrever um livro sobre a origem da vaquejada já que era muito comum a época.

Isso é nítido na imagem abaixo que foi retirada do livro, com uma ilustração do esporte, feito sob uma imagem com representação folkcomunicação, que é o cordel:



Figura 3: Fonte: Câmara Cascudo Natal-RN,1976.

Outras fontes importantes foram sites específicos como o da associação dos vaqueiros e da associação quarto de milha entre outros por tratar desde tema essencial para o desenvolvimento da pesquisa por apresentar informações relevantes.

## 2. A comunicação rural para o Desenvolvimento Local

No processo de modernização nota-se a fuga do homem do campo para a cidade, o que constitui um sintoma de subdesenvolvimento. Os meios de comunicação de massa, neste sentido, prosseguem juntamente com os muitos dos mesmos problemas desenvolvimentistas enfrentados pelas instituições capitalistas.

A folkcomunicação nesse sentido se mostra como uma resistência do local e também uma estratégia para essa resistência, pois, a comunicação de mercado dificilmente trata de forma positiva as manifestações populares que ainda não estão estabelecidas e reconhecidas nacional e internacionalmente.

Nesse sentido, como forma de estratégia para sua sobrevivência, começou-se a desenvolver artes, músicas, peças artesanais a cerca desse esporte e então essa atividade deixa de ser apenas um esporte e uma forma de sobrevivência no campo, esquecido, para também comercializar-se e demarcar seu território.

É possível notar isso na figura abaixo, que traz alguns objetos representativo dessa resistência e a demonstração de apoio da mesma:

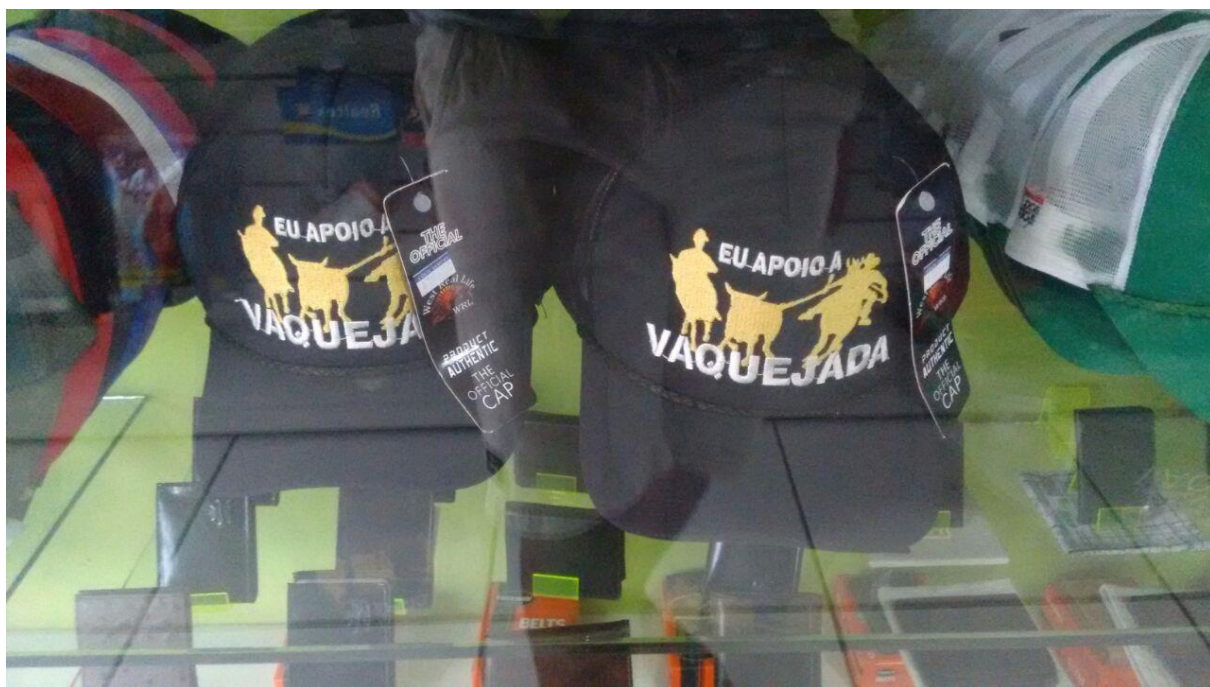


Figura 4: Fonte: Do autor.

Nessa mesma linha de pensamento, Beltrán Salomon (1981) classifica o modelo de comunicação postulado por Schramm, Lerner, Roger e Shannon, entre outros

pesquisadores, como de caráter unidirecional mesmo que, em alguns momentos, contempla o indivíduo em sua rede social de relacionamento:

As definições e modelos tradicionais são uni lineares e propõe a noção mecânica de comunicação como transmissão de informações de fontes ativas a receptores passivos. De fato, não há transmissão; há apenas transformações de significados já existentes nas pessoas que, ao decodificarem os símbolos, participam ativamente. Estes modelos baseiam-se, além disto, na noção errônea de que comunicação é um ato, um fenômeno estático no qual a fonte é a privilegiada; a comunicação é, na verdade, um processo no qual todos os elementos atuam de forma dinâmica. Assim, a comunicação é eminentemente um fato de relações sociais, um fenômeno de intercâmbio múltiplo de experiência, e não mero exercício unilateral de influência individual. Os modelos, finalmente, induzem a confusão entre informação que busca comunidade de significados ou de consciência, (BELTRAN SALOMÓN, 1981, p.17).

Então, é nesse sentido que a folkcomunicação se mostra como uma ferramenta importante para a sobrevivência dessa cultura e quando atrelada a comunicação rural, que é natural do meio, é possível identificar de maneira ainda mais forte essa relevância para este esporte.

Sem esse suporte e sem essa estratégia, se torna mais difícil ou mesmo inviável a propagação e manutenção dessa cultura nos meios de comunicação, uma vez que os meios de comunicações convencionais como rádio, jornal, TV, entre outros, não tem a mesma preocupação com o popular que a folkcomunicação possui.

Nessa perspectiva, são possíveis diversas estratégias para essa divulgação, a folkcomunicação possui algumas estratégias alcançáveis e perspicazes para essa demonstração da vaquejada e de seu potencial gerador de renda e desenvolvimento local, visto que a folkmartetig, a folkmídia por exemplo podem ser umas dessas estratégias que provavelmente demonstrarão seus potenciais.

Nesse sentido, Lucena Filho (1998), julga que:

O processo de folkmarketing leva as organizações públicas e privadas a identificarem-se com seus públicos-alvo, falando a linguagem que eles querem ouvir e mostrando as imagens que eles querem ver, fazendo assim com que as percebam segundo um sentimento de valoração das culturas locais.

## **Conclusão**

A comunicação rural como apontado por SPENILLO (2000), é historicamente entendida como “um instrumento prioritariamente viabilizador de um ‘fórum’ local com capacidade de definir e gerar localmente políticas de desenvolvimento”, e segundo esse consenso, deve lutar por manter-se como um momento de encontro, superando a sedução da informação rural, sobretudo no agribusiness, direta, imediata e praticamente sem esforços interacionais.

Nesse sentido, essa “nova” comunicação aqui empreendida, está a serviço não do agronegócio, como a comunicação hegemônica, é um movimento contra-hegemônico e que não está a serviço do capitalista do agronegócio, pelo menos não só dele, está disponível e codificado ao pequeno agricultor, ao vaqueiro e a toda a comunidade rural, sendo um canal de informação e instrução importantes para esses atores sociais.

Arelado a comunicação rural, a folkcomunicação e suas ramificações vem a nos mostrar que a vaquejada, bem como as outras culturas populares, pois aqui a vaquejada é encarada como esporte da cultura popular, está inserida numa estratégia sob a tutela e no cenário da comunicação massiva, partindo-se da premissa que os atores construtores das culturas populares não vivem numa ilha, trocam permanentemente influências na sociedade onde vivem.

De fato, na vaquejada há e houve historicamente um intercâmbio de informações, de cultura, de gerações e de localidades e isso faz da mesma um importante patrimônio cultural miscigenado e lúdico que herdou diversas características e códigos que lhes são próprios e únicos.

Então, a folkcomunicação como dita por Marçolla (2003), pode ser reconhecida em todos os setores estudados pela ciência da comunicação. Basta que para isso, o pesquisador queira perceber que a origem das manifestações humanas está, de forma intrínseca, relacionada com o princípio da comunicação, independente de classes sociais.

Assim, no setor rural, mais precisamente na vaquejada e no campo como um todo, essa ciência vem a trazer desenvolvimento, além de conhecimento e reconhecimento, pois a partir dela, gera-se empregos, traz movimentos culturais e dinamismo cultural e econômico para as comunidades rurais inseridas nesse festejo e como consequência, o desenvolvimento local, que nada mais é do que a união de forças



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

no sentido de se trazer esse dinamismo, qualidade de vida e melhorias para a comunidade.

Isso faz com que a ciência da comunicação ultrapasse os muros da academia e faça sua função social que é melhorar a vida das pessoas, em especial nesse sentido, as comunidades margeadas pela sociedade.



## **Referências bibliográficas**

**Associação dos vaqueiros.** Disponível em: <<http://www.abvaq.com.br/telas/4>>. Acesso em 18 de novembro, 2016.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: no contexto de massa. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2000.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 22 eds., São Paulo: Editora Nacional, 1987.

LUCENA FILHO, Severino Alves de: Azulão do BANDEPE: uma estratégia de comunicação organizacional. Recife – PE: CEPE, 1998.

MARÇOLLA, R. Folkmdia: a cultura popular viva nos meios de comunicação e na Universidade Metodista de São Paulo: Paper apresentado para o VII CELACOM 2003, na Universidade Metodista de S<sup>o</sup> Paulo, sob a coordenação do Prof. Dr. José Marques de Melo

SPENILLO, Giuseppa. “Comunicação rural: elo possível entre o desenvolvimento local e as novas tecnologias de informação”. CALLOU, Angelo Brás. (org.) Comunicação rural e era tecnológica. Série Fractais. Recife : Imprensa Universitária (UFRPE/ NTC-Recife), 2000, p. 24.